

COTIDIANO ESCOLAR EM BREJÕES: A ESCOLA GÓES CALMON

Amanda Gradil Correia¹; Ione Celeste Jesus de Sousa²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: gradilamandacorreia@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: ionecjs@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Escolarização - Brejões – Interiorização.

INTRODUÇÃO:

A proposta de trabalho aqui presente, inserida no campo da História Cultural e Social da Educação tem como objetivo identificar o processo de escolarização no interior baiano, com foco nas práticas e no cotidiano escolar do Colégio Góes Calmon. Tal colégio foi criado em 1964, às vésperas dos quarenta anos da emancipação do município de Brejões- BA, por iniciativa popular através da Associação Cultural de Brejões, uma entidade sem fins lucrativos, mantida por uma mensalidade paga pelos sócios e pela taxa da qual os discentes que cursavam o ginásio pagavam. A escolha do nome do estabelecimento deu-se em homenagem ao ex-governador do estado da Bahia Dr. Francisco Marques de Góes Calmon que no seu governo assinou a Lei de Emancipação do Município, além disso, foi o primeiro governador a visitar o Município tendo se hospedado no Chalé onde passaria a ser o Ginásio. Criada por votação a 1ª Diretoria desta Associação em 04 de abril de 1964, que se reuniu na mesma data tendo como prioridade principal a criação de um Ginásio em Brejões, com a denominação de Ginásio Góes Calmon. Esta instituição passou a funcionar no dia 21 de abril do mesmo ano com o Exame de Admissão.

É relevante, nesse sentido, entender o Colégio Góes Calmon não apenas como uma instituição resumida a seu espaço físico, mas sim, observá-lo como um local de vivências e experiências diversas. Experiências essas que vão definir uma cultura formada no interior da escola e de cada sala de aula. Faria Filho em seu artigo “A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação” utiliza de João Viñao Frago, afirmando que a cultura escolar recobre as diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas, transitando de alunos a professores, de normas e teorias. Na sua interpretação, englobava tudo que acontecia no interior da escola. Neste sentido, Faria Filho também traz outra interpretação para se pensar a cultura escolar, que é a análise feita por André Chervel. Chervel estabelece uma crítica ao espaço escolar como simples agente de transmissão de saberes elaborados fora dela. Considerando então, a escola como local do conservadorismo, da rotina e da inércia. Para ele, a instituição escolar seria capaz de produzir um saber específico cujos efeitos estendiam-se sobre a sociedade e a cultura, e que emergia das determinantes do próprio funcionamento institucional. Chervel ainda critica a ideia de uma escola encerrada na passividade, de uma escola receptáculo dos subprodutos culturais da sociedade. Assim, tendo as disciplinas escolares como agentes que caracterizam a cultura escolar, o sistema escolar é detentor de um poder criativo insuficientemente valorizado até aqui é de que ele desempenha na sociedade um papel que não se percebeu que era duplo: de fato, ele forma não somente indivíduos, mas também uma cultura que vem por sua vez penetrar, moldar, modificar a cultura da sociedade global.

Nesse sentido, é pensando nessas variadas funcionalidades do sistema escolar que este projeto não só analisa o cotidiano de um colégio localizado no interior baiano, como

também problematiza a existência de uma cultura escolar produzida na escola, para a escola e pela escola e quais são as interferências que o Colégio Góes Calmon estabelece com a comunidade brejoense. Levando em consideração também, a importância desse debate na contribuição para os estudos em História da Educação e nas pesquisas relacionadas ao tema.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Como fontes são utilizados os jornais Brejão e os livros de registro da burocracia escolar da Escola Góes Calmon, como livros de matrícula, cadernetas escolares, visita ao Arquivo do próprio Colégio, Livro de Atas da Associação Cultural de Brejões entre outros. Outro conjunto de fontes são depoimentos orais de antigos professores e diretores da escola, assim como alunos. Um conjunto de fotografias escolares, tanto particulares como parte do acervo da escola, além de objetos da cultura material escolar, como troféus e adereços das festas escolares, móveis, a própria arquitetura do prédio. Também como fontes os dados já coletados pelo Grupo Histeice referentes às leis e Regulamentos da educação entre as décadas de 1910 e 1960: fotografias; relatórios de Diretores de Instrução e Secretários de Educação e Saúde. Como perspectiva teórica tomo a História Social e Cultural da Educação que enfoca as experiências dos sujeitos das instâncias escolares como sujeitos históricos, que vivenciam experiências históricas enquanto práticas escolares, articuladas as demais instâncias sociais, como a política, a família, a religião etc.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Como resultados propostos neste projeto, foram relacionados à contribuição de um conhecimento mais profundo sobre a região de Brejões e dá um retorno em questão de informação, conhecimento e valorização à minha terra. A partir das análises sobre as práticas escolares do Colégio Góes Calmon, um estudo sobre os sujeitos que fizeram e ainda fazem parte desse colégio. Nessa perspectiva, foi possível observar que, com relação ao cotidiano escolar e suas implicações na sociedade, o Colégio desenvolve um comportamento de interação com a população, segundo as fontes analisadas como documentações presentes no arquivo do colégio, fotografias escolares acessadas através do próprio arquivo e de antigos professores ou outras pessoas vinculadas ao colégio demonstram que a escola comemora festas cívicas com a participação da comunidade e autoridades locais, com maior destaque na Semana da Pátria, culminando com o desfile comemorativo ao dia da Independência – o 7 de setembro. Outro resultado também proposto foi o de contribuir na constituição de um acervo sobre a História da Educação na cidade de Feira de Santana e região e ampliar os conhecimentos sobre a expansão do processo de escolarização no interior da Bahia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

O Colégio Góes Calmon, assim como outros grupos escolares, não está inserido em uma determinada sociedade livre de se deixar influenciar por ela e vice-versa. Ao longo dessa pesquisa, chego com algumas conclusões de que uma escola não é apenas o espaço físico, mas, um conjunto de relações carregadas por vivências, labutas e experiências diversas. Nesse sentido, parafraseio Vidal quando a mesma traz que olhar a escola, pelas lentes da cultura escolar permite não apenas ampliar nosso entendimento sobre o funcionamento interno da instituição como nos provoca a rever as relações estabelecidas historicamente

entre escola, sociedade e cultura. Mas, entender que essa cultura escolar não deixa de ser uma importante ferramenta teórica para explorar o passado e o presente da escola na sua relação com a sociedade e a cultura no jogo tenso das lutas de poder que perpassam a escola e expressam nele as contradições sociais.

Dialogar com a perspectiva de uma cultura escolar não só fez com que eu percebesse o quanto o espaço escolar é rico com relação aos sujeitos e experiências que o compõe, mas sim, de como uma cadeira, uma lousa ou outro adereço pode tecer acontecimentos culturais daquele determinado espaço. Nilda Alves em seu artigo “cultura e cotidiano escolar” salienta para a importância dos artefatos culturais para caracterização do cotidiano. Afirmando, então que a escola, desde sempre, esteve e está presente em uma série bastante diversificada de artefatos culturais, mesmo quando não nos damos conta disso. E assim, nós, que fazemos parte desse espaço escolar, somos um acúmulo de ações e acontecimentos culturais cotidianos, insignificantes, mas formadores necessários.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Maio/jun/jul/ago 2003. Nº 23. Revista brasileira de Educação.

Catálogo: Casarões do Vale: História, Patrimônio e Arte. Maria Fernanda Oliveira Marques. Brejões – BA. 2016.

FILHO, Luciano Mendes de Faria; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.1, p.139-159, jan/abr.2004.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Revista brasileira de História da educação nº1 jan./jun. 2001.

Livro de Atas da Associação Cultural de Brejões – 1964.

SOUSA, Ione & CRUZ, Antônio Roberto (orgs). *Escolas Normais da Bahia: olhares e abordagens*. Feira de Santana: UEFS Editora; 2013.

VIDAL, Diana Gonçalves. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e práticas escolares. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil. Currículo sem fronteiras, v.9, n.1, pp.25-41, jan/jun2009.